



Cap sur l'école inclusive
en Europe



Ficha de Recursos

Olhar a diferença: um tema inexplorado Tronco do módulo/ **E**

1/ Representar a incapacidade: uma reação subjetiva e irracional

Numa sociedade caracterizada pela competitividade e desempenho, está na moda valorizar o que é bonito, o que é forte, o que se aproxima da perfeição ou a ideia que temos dela.

Deste modo, a fragilidade e uma deficiência forte e os seus corolários (deficiência, diferença e incapacidade) podem causar reações de desconfiança e até mesmo de rejeição.

Estas reações, frequentemente instintivas, levam, por vezes a comportamentos sociais inaceitáveis: intolerância, racismo, sexismo, a rejeição da diferença.

Mas estes comportamentos não resistem a uma análise racional:

- a deficiência, quer dizer, qualquer alteração de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatómica, não constitui um risco para cada um de nós que pode surgir em consequência de um acidente ou do envelhecimento?
- A rejeição da diferença refere-se ao nosso receio do outro, do desconhecido. Isto não é um sinal da nossa fragilidade, que nos instiga a evitar o que não conhecemos? Força, coragem, valores fundamentais da nossa sociedade, não é verdade que nos instigam a abordar o que nos assusta em vez de descobrir o que é diferente?
- Finalmente, deve-se ter em conta que a própria imagem da normalidade é iminentemente subjetiva e não tem nenhum significado universal. Somos todos diferentes uns dos outros. Então porque rejeitamos o que não se assemelha a nós, uma vez que objetivamente ninguém se assemelha a nós?

2/ Alunos com deficiência na turma: um tema a ser explorado

Um professor que recebe alunos com necessidades educativas especiais é imediatamente confrontado com um triplo problema:

- como introduzir um clima sereno propício à aprendizagem na sala de aula?
- Como fazer para que o aluno deficiente seja aceite pelo resto da turma? E inversamente, como fazer com que o aluno deficiente se sinta aceite pelo resto da turma?

- Como tranquilizar os pais dos alunos, preocupados pelo facto dos seus filhos serem confrontados com crianças que eles instintivamente ou inconscientemente rejeitam? E quanto aos pais das crianças com deficiência, eles não se sentem ansiosos pelo facto dos seus filhos serem confrontados com crueldade ou provocações?

Este professor só tem um meio à sua disposição: tranquilizar todos, mudando o olhar sobre a deficiência.

Para isso, terá que apresentar as diferenças para mostrar que todos somos diferentes.

Debates entre alunos, e mesmo com os pais dos alunos serão muito úteis e eficazes. Tornar a deficiência visível é trivializá-la e conseqüentemente torna-la aceite.

Mostrar a irracionalidade das reações instintivas também é recomendável.

A presença de crianças com deficiência na sala de aula deve, assim ser acompanhada de um trabalho importante do professor para tranquilizar a turma e o seu ambiente.

Contudo, o trabalho pode ser explorado de uma forma útil para ser continuado por atividades de educação cívica:

- Aprender a tolerar (a intolerância é também uma forma de rejeição da diferença)
- Combater a xenofobia e o racismo que são as formas mais completas de rejeição da diferença
- Abordar o problema do sexismo que constitui uma discriminação incompatível com os valores defendidos pela comunidade europeia.

Assim, ter uma criança com deficiência na turma, obrigando o professor a abordar o problema da diferença, é uma questão que seria uma pena não explorar completamente.